

No Norte da Europa, há trabalho e há filhos

Um relatório da Rand Corporation intitulado “Low fertility in Europe. Is there still reason to worry?” salienta que, na Europa, as taxas de fecundidade tiveram nalguns países importantes recuperações na primeira década do século XXI, embora continuem sem alcançar a taxa de substituição. O estudo, que se concentra especialmente nos casos de Alemanha, Polónia, Espanha, Grã-Bretanha e Suécia, adverte que ainda hoje, 14 dos 27 países da UE estão abaixo da média de 1,5 filhos por mulher e considera preocupante a situação da zona de língua alemã, os países do Sul e os do Leste.

Os que parecem ter recuperado nos últimos anos são os países do Norte, cujos dados contradizem os pressupostos demográficos clássicos, que relacionavam o desenvolvimento económico com níveis de fecundidade baixos. De acordo com os dados, e embora em toda a Europa a maternidade se tenha atrasado, pode-se dizer que são os países de maior potencial económico aqueles que viram aumentar de forma significativa o número de filhos por mulher.

É o que acontece, por exemplo, nos países nórdicos, pioneiros na igualdade sexual e cuidadosos em assegurar a integração da mulher na vida laboral. Na Suécia, a taxa de fecundidade atingiu 1,9. Muito menos se abaliza, para os autores, a correlação negativa entre nível de estudos das mulheres e fecundidade. Para esses autores, o êxito destas políticas demográficas deve-se à flexibilidade laboral e ao interesse em conciliar a vida familiar com o trabalho.

Muito importante foi a recuperação demográfica da Grã-Bretanha, que passou de 1,64 filhos por mulher em 2001, para 1,97 em 2008, e que permitiu a alguns falar de um novo *baby boom*. Mas quais são as razões que explicam esta mudança de tendência?

Os especialistas consideram que não se deve ao peso que tem a imigração, entre outras coisas, porque se constata que o comportamento reprodutivo das mulheres imigrantes tende a assimilar-se com o tempo ao das mulheres naturais dos países de acolhimento dessa imigração. Além disso, grande parte dos imigrantes chegados ao longo desses anos são originários da

Europa do Leste, onde a taxa de fecundidade veio a conhecer uma queda a pique durante o mesmo período temporal.

Os investigadores, depois de reexaminarem outros fatores – entre os quais é possível encontrar o trabalho feminino, o atraso do casamento, a descida da taxa de nupcialidade, etc.– chegaram à conclusão de que o aumento das taxas de fecundidade constituiu um resultado não pretendido da política familiar que foi levada a cabo durante o mandato do ex-chefe de governo britânico Tony Blair.

Embora o relatório valorize a eficácia das políticas com o objetivo de estimularem a fecundidade, políticas que têm sido frequentes na maioria dos países da União Europeia desde que foi dado o alerta para um possível colapso de cariz demográfico, o certo é que elas têm pouco efeito, devido aos muitos fatores que estão envolvidos.

Mais eficazes são, pelo contrário, decisões de carácter indireto que resolvem problemas relacionados com o comportamento reprodutivo. Foi aquilo que ocorreu na Grã-Bretanha: segundo o relatório, o programa que determinou a recuperação demográfica foi aquele destinado a reduzir a pobreza infantil, assegurando o acesso ao trabalho dos progenitores, estabelecendo isenções fiscais, favorecendo a posterior reintegração laboral da mãe e flexibilizando as licenças que são concedidas pelas situações de maternidade e paternidade.

Rússia-Cuba: o regresso do urso

A Rússia encontra-se de regresso a Cuba. Já não se trata da União Soviética, principal aliado da Ilha caribenha durante os primeiros 30 anos do processo socioeconómico iniciado após o fim da ditadura de Fulgêncio Batista, em 1959. É a Rússia capitalista, aquela que aprendeu as regras do mercado. E regressa “a sério e projetando o futuro”, de acordo com um texto escrito pelo seu embaixador em Havana, Mikhail Kamynin.

Havana aprende a relacionar-se com a Rússia pós-comunista, através de acordos com interesses económicos.

A relação entre ambos os países, restabelecida em 1960, foi na época soviética o mais similar a um romance, cuja parte mais visível era o aspeto económico: 13 milhões de toneladas de petróleo do gigante euro-asiático chegavam aos portos cubanos a preços “deslizantes” – subindo ou baixando consoante o comportamento no mercado mundial do preço do açúcar, então principal *item* de exportação cubano –, e uma gama tão variada de produtos, que ia desde a maioria do armamento pesado e ligeiro, até aos automóveis, os tratores, os aviões, as compotas, a carne enlatada, os filmes sobre a Segunda Guerra Mundial e os desenhos animados. Mesmo uma máquina limpa-neves, inútil nos trópicos, chegou daqueles remotos lugares graças a um inepto funcionário, segundo conta o anedotário sobre aqueles anos.

Igualmente, além da presença em Cuba de um contingente de efetivos militares de Moscovo – na previsão de um ataque direto dos EUA após o falhado episódio militar da Praia Girón, em 1961 –, os assessores civis soviéticos abarcavam muitíssimos campos: a energia, a mineração, a medicina, o transporte ferroviário, e até a energia atómica – uma central nuclear começou a ser construída na década de 80, e foi abandonada após a desintegração da URSS –, enquanto que numerosos quadros profissionais cubanos se formaram, durante três décadas, em vários dos países do Leste europeu mas, principalmente, na União Soviética.

Um pormenor curioso: as relações humanas impuseram-se em muitos casos no plano afetivo, e centenas de cidadãs soviéticas vieram estabelecer-se na Ilha caribenha após contraírem casamento com estudantes cubanos que tinham ido formar-se na URSS. Segundo o livro “Os russos em Cuba”, de Alexander Moiséev, 1.300 mulheres provenientes de ex-repúblicas que compunham a URSS, estão a viver atualmente na Ilha.

Durante o mandato do presidente Boris Yeltsin, as relações entre Moscovo e Havana esfriaram. Depois de chegar ao Kremlin, o primeiro presidente da Federação Russa deixou em letra morta os acordos económicos, comerciais e financeiros com Cuba, e retirou a brigada militar do seu país destacada na Ilha.

Para Cuba, a desintegração da União Soviética e a queda abrupta do intercâmbio económico-comercial com Moscovo, significou a perda do seu principal fornecedor e a entrada no denominado “período especial”, anos de difícil sobrevivência para os 11 milhões de cubanos, pois, desaparecidos os outrora generosos fornecimentos de combustível, os cortes de luz prolongaram-se, por vezes, até às 16 horas por dia, enquanto que os transportes paralisavam e os géneros alimentares se tornavam cada vez mais escassos.

Neste contexto, Moscovo reclamou além disso a Havana o pagamento de dívidas milionárias como condição para, a determinada altura, voltar a abrir as linhas de crédito; mas Cuba defendeu-se, argumentando que o desaparecimento da

União Soviética tinha deixado sem efeito centenas de contratos, o que tinha provocado graves prejuízos à economia da Ilha, pelo que ambos os países estavam “em pé de igualdade”.

Para aumentar a distância entre os outrora fortes aliados, em 2001 – já passado o pior da crise económica cubana –, o sucessor de Yeltsin, Vladimir Putin, decidiu, sem consultar o Governo cubano, fechar a base de escuta radioeletrónica de Lourdes (localizada a Sul de Havana), estabelecida em 1964.

Paradoxalmente, a retificação da indiferença russa para com Cuba, processo que se constatou nos últimos anos, foi causada, de alguma forma, por acontecimentos que tiveram lugar no solo europeu, a saber, a inclusão de cada vez mais ex-aliados da URSS no seio da NATO e a insistência de Bush no seu projeto de escudo antimísseis com base na Polónia e na República Checa.

A Rússia, que experimentou uma recuperação económica nos anos de Putin e, de passagem, um impulso ao orgulho nacional, começou a sondar antigos e novos amigos na América Latina, sempre que sentia à sua própria porta a influência dos EUA.

Precisamente na nova dinâmica, o Presidente Dmitri Medvedev chegou a Havana em Novembro de 2008, depois de ter estado no Brasil e na Venezuela. O presidente cubano, Raul Castro, devolveu-lhe a visita em Janeiro de 2009, ocasião onde foi assinado em Moscovo um Memorando de Cooperação Estratégica entre ambos os países, e vários acordos. Já anteriormente, o vice-primeiro ministro russo, Igor Sechin, havia viajado à capital cubana, sendo acompanhado por numerosas personalidades do mundo empresarial.

Por outro lado, no âmbito militar, foram até Cuba, nos últimos tempos, o Secretário do Conselho de Segurança da Rússia, General Nikolai Patrushev, e o Chefe do Estado Maior da Defesa Aérea do Exército de Terra, General Alexander Maslov, enquanto que os navios da Armada russa voltaram a efetuar as suas visitas ao porto de Havana com maior frequência.

A participação da Rússia na Feira do Livro de Havana, na sua edição de 2009, e a inauguração, meses antes, do primeiro templo ortodoxo russo na região das Caraíbas, cujos gastos de construção foram assumidos quase totalmente por Cuba – a Sagrada Catedral de Nossa Senhora de Kazan, inaugurada pelo então Metropolita de Smolensk, Kiril, na presença de Raul Castro, e visitada dias depois por Medvedev –, são outros pormenores da recomposição do relacionamento.

Na economia, há projetos rubricados no sector energético (a empresa cubana Cupet e a russa Zarubezhneft assinaram contratos para a prospeção e exploração petrolífera em terra e em áreas marítimas), a mineração (como o níquel, do qual Cuba possui grandes jazigas na zona oriental), os transportes, o turismo, a biotecnologia, a informática e as comunicações, etc.

E a Rússia, à partida, aprecia as vantagens de Cuba e qualifica-o de “país chave” na sua área geográfica, segundo referiu o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Serguei Lavrov. A tecnologia do país euro-asiático, por exemplo, é conhecida pelos técnicos cubanos, que só teriam de se requalificar na sua utilização. A estreita relação da Ilha a outros países, com os quais se identifica no plano ideológico, e que veem nela uma espécie de autoridade de referência – como Venezuela, Equador, Bolívia, Nicarágua – pode ser uma ponte para a aproximação de Moscovo à região, algo que já está a fazer a China com bastante avidez.

Desta forma, o urso está de regresso às Caraíbas. E o verde jacaré felicita-se por não vir com o saco vazio.

A. R.

Direitos dos desportistas e a cruzada antidopagem

O modo de desenvolver a cruzada antidopagem no desporto leva muitas vezes a não se respeitarem direitos elementares dos desportistas, diz o jornalista Klaus Wiel em “Spiked”.

“Em nome da guerra contra a droga, um grande número de pessoas estão obrigadas a viver sob um sistema de vigilância tão estrito e invasivo, que seria de esperar fosse denunciado por grupos defensores dos direitos humanos como a Amnistia Internacional”. São os desportistas.

Wivel recorda o regime que têm de suportar. “Primeiro, devem informar a sua morada às autoridades antidopagem a todo o momento e, em segundo lugar, devem estar disponíveis pelo menos uma hora por dia para se submeterem a um teste. Os atletas que não notificarem por três vezes as autoridades do seu paradeiro, podem ser castigados com uma suspensão por dois anos, o que basta para liquidar a sua carreira”.

Os desportistas são obrigados a fornecer amostras de sangue e de urina a qualquer momento, a pedido dos controladores, o que pode dar origem a situações humilhantes, algumas das quais descritas por Wivel.

Quando um desportista é acusado, ele é apresentado como culpado perante a opinião pública. Os jornalistas desportivos não costumam estar familiarizados com assuntos complexos que implicam conhecimentos científicos, jurídicos e psicológicos, pelo que atletas suspeitos de dopagem com indícios pouco consistentes, acabam por ser destroçados pelos meios de comunicação social.

Os atletas estão submetidos a um sistema no qual as autoridades antidopagem atuam como fiscais, juizes e jurados, castigando violações com base em testes discutíveis que elas próprias certificaram, e com imensas dificuldades de apelo para tribunais externos.

Michael Joyner, professor de anestesiologia e especialista em dopagem, explicou bem a situação ao dizer: “A guerra contra a dopagem é como uma pequena versão da guerra contra o terrorismo. Quando se luta de um modo que destrói os valores que se pretende defender, a perda é duplamente funesta”.

(Fonte: “Spiked”)

Toy Story 3

Realizador: Lee Unkrich

Actores: animação

Música: Randy Newman

Duração: 103 min.

Ano: 2010

Este filme da Pixar, a empresa de animação criada por Steve Jobs, encanta os mais novos, mas são as pessoas mais maduras que o compreendem melhor. Tudo começa com um rapaz que vai estudar para outra cidade. Como vai sair de casa, os antigos brinquedos já não têm o mesmo valor e resolve guardá-los no sótão. Escolheu apenas um ou dois para levar consigo, causando a consternação nos outros bonecos. No entanto, ao arrumar as coisas, a caixa com essas “velharias” vai parar ao lixo. A narrativa segue então a história desses objetos e as diversas peripécias que passam até conseguirem regressar sãos e salvos a casa. No *happy end* final, o rapaz decide então ir entregar os brinquedos a alguém que os possa estimar, dando-os a uma amiga da família. Explica-lhe com atenção as características de cada um, as suas potencialidades e o significado deles para a sua vida.

Os brinquedos agem como pessoas. O objetivo comum de todos eles é o de fazerem feliz o rapaz. As diferentes capacidades individuais unem-nos num grupo, pois as competências de uns resolvem os problemas de todos. Como são amigos, apoiam-se mesmo que um deles atue de modo fora do habitual. Não o rejeitam e conseguem que ele tome novamente consciência de si. Aceitam novos amigos que provam ser merecedores da sua confiança através dos gestos

concretos realizados. Por vezes discutem, mas como querem o bem uns dos outros, lutam pela união. Isso é a sua força e o seu descanso.

Tópicos de análise:

1. Vale a pena fortalecer a amizade com conversas pessoais regulares.
2. Ganha-se a confiança do outro, ao poder-se contar com ele quando todos falham.
3. As dúvidas e mal-entendidos resolvem-se frente a frente com lealdade.
4. Saber encaminhar cada pessoa para as funções adequadas é tarefa de um bom líder.

Paulo Miguel Martins,
Professor da AESE

